

## OS MUSEUS TRADICIONAIS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E O USO DA INTERNET PARA EDUCAÇÃO MUSEAL

**Paula Ribeiro Trocado<sup>1</sup>**

O presente artigo tem por objetivo apresentar os dados parciais da pesquisa de mestrado intitulada “As relações entre musealização e educação nos museus tradicionais: um panorama atual”, que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins -MAST, sob orientação do Prof. Dr. Bruno Brulon. Nossa pesquisa possui como objetivo central analisar as relações entre os processos de musealização e a educação dentro dos museus tradicionais na cidade do Rio de Janeiro. Acreditamos que a educação deve ser pensada em todos os processos que compõem a musealização, de modo a refletir a missão do museu e aproveitar ao máximo os potenciais das coleções para os públicos.

A escolha do modelo conceitual de “museu tradicional” foi feita pois acreditamos que a relação entre educação e museus começou nos museus tradicionais, e ainda hoje apresenta muitas questões em relação à educação que precisam ser debatidas, principalmente na atualidade, onde muitas vezes sua relevância social é colocada em questão. Entendemos, segundo Scheiner (1998 apud SCHEINER, 2015) o Museu Tradicional como:

“Espaço, edifício ou conjunto arquitetônico / espacial arbitrariamente selecionado, delimitado e preparado para receber coleções de testemunhos materiais recolhidas do mundo. No espaço do Museu Tradicional, as coleções são pesquisadas, documentadas, conservadas, interpretadas e exibidas por especialistas - tendo como público-alvo à sociedade. A base conceitual do museu tradicional é o objeto, aqui visto como documento. (SCHEINER, 1998)” (SCHEINER, 2015, p. 21)

Nosso objetivo ao olhar para os museus tradicionais é contribuir para o campo museal brasileiro com uma análise reflexiva sobre este modelo conceitual, buscando fomentar experiências que aproximem os museus e os públicos.

É importante destacar que a presente pesquisa foi desenvolvida durante o distanciamento social ocasionado pela pandemia do COVID-19. Com a incerteza da abertura

---

<sup>1</sup> Museóloga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, mestranda no Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST.

dos museus e determinação de realizar um trabalho fundamentado na prática museal optamos por uma pesquisa realizada por meio virtual. Como uma das vantagens, conseguimos articular diferentes instituições aproveitando uma das principais vantagens que a virtualidade pode oferecer: o rápido compartilhamento de informações.

Desta forma, nossa pesquisa trabalha com a análise do campo museal, tendo como fio condutor os processos de musealização e como instrumento de produção de dados o questionário online, que foi enviado para os museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro no último trimestre de 2020 e primeiro trimestre de 2021, com resultado de 53 museus respondentes. Os questionários buscaram investigar como se dá a relação atual entre educação e musealização.

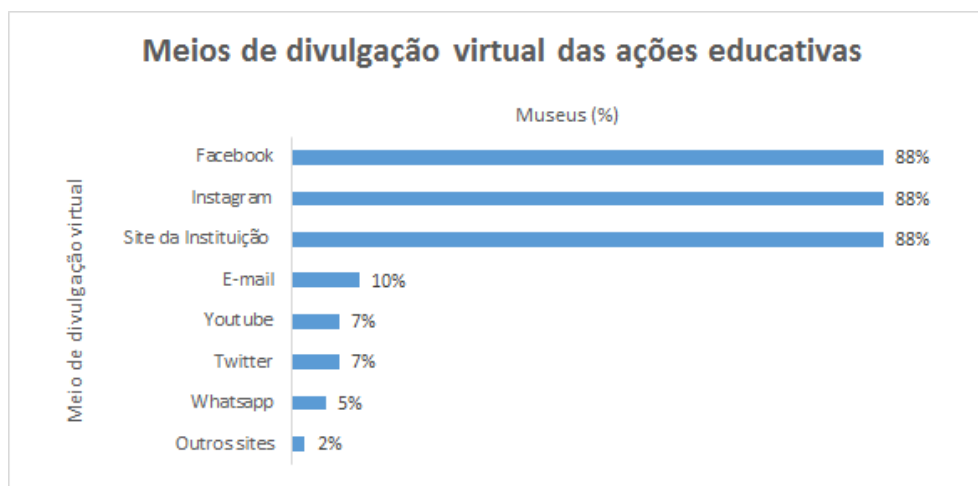
Almejamos nesta comunicação apresentar os dados parciais destes questionários quanto às ações educativas, focando no uso da internet antes e durante o período de isolamento social ocasionado pela pandemia do COVID-19. Nossa análise foca em três pontos, são eles: as ações educativas elaboradas, as plataformas usadas e as principais dificuldades enfrentadas. Almejamos desta forma construir uma reflexão propositiva sobre o uso da internet nos museus tradicionais baseada na realidade museal exposta pelos museus em suas respostas. Acreditamos que desta forma podemos trabalhar com opções possíveis para o uso da internet pelos museus tradicionais.

No século XXI a comunicação possui como grande característica a virtualidade, acontecendo quase de forma instantânea por diversos polos de disseminação da informação, possíveis graças às redes sociais e demais canais de troca. Para os museus tradicionais este cenário será de grande desafio, pois como dito por Scheiner (2015) a comunicação do museu está estritamente ligada às coleções. A comunicação no museu tradicional se dá no encontro entre o público e o objeto, mediado por diversos elementos como os recursos expográficos e os educadores. O virtual quebra com a materialidade do museu tradicional, tornando seu uso desafiador. Não estamos aqui afirmando que a comunicação nos museus tradicionais se limita à exposição, mas sim, que o desafio está em não deixar de lado a especificidade do museu tradicional ao utilizar a potencialidade do virtual.

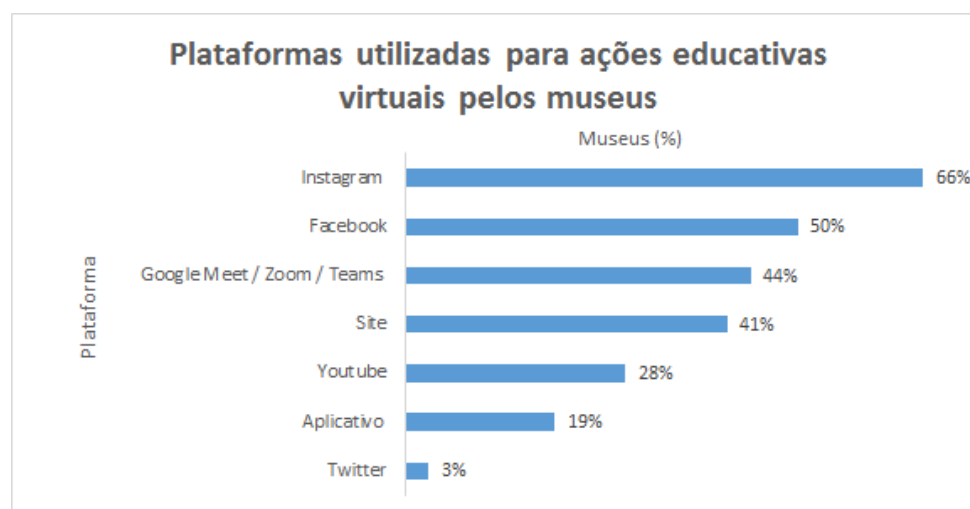
O contexto pandêmico escancarou esses desafios obrigando os museus, e não somente eles, a ativarem o virtual na busca de manter uma relação com seus públicos. Fato que se

confirma pela criação ou ativação de contas em redes sociais e as muitas *lives* que tomaram conta de todos os *feeds*.

Em nossa consulta online aos museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro buscamos investigar como os mesmos atuam na internet. Quando questionados se fazem divulgações virtuais, 79% (42 museus) responderam realizá-las. E os meios utilizados se apresentaram de acordo com o gráfico abaixo:



Quando questionados especificamente sobre possuírem ou não ações educativas em meio virtual, 60% (32 museus) responderam possuir ações, sendo estas realizadas nas seguintes plataformas:



Quando questionados sobre ações realizadas especificamente no período pandêmico, os números crescem, uma vez que, 74% (39 museus) realizaram ações educativas. E nesse contexto cabe aqui uma análise mais refinada dos dados. Vamos analisar os três pontos centrais dessa comunicação: as ações, pois refletem o que os museus fizeram; as plataformas

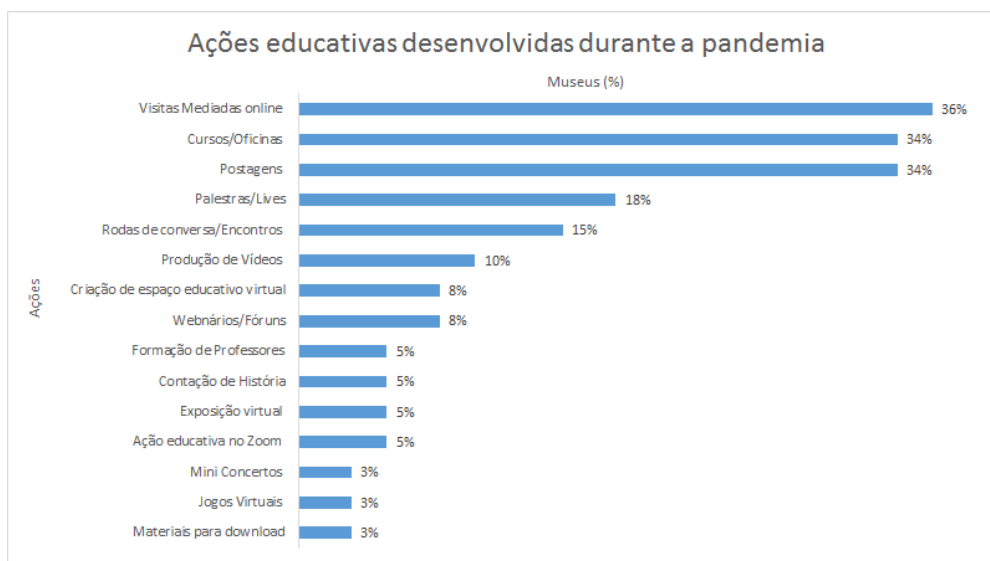
que nos dizem um pouco sobre como foi realizada a ação e as dificuldades, que nos indicam os pontos que precisamos refletir sobre e buscar soluções, para além da pandemia. Uma vez que, o uso da internet é uma característica do século XXI e os museus não podem ignorá-la. Pois,

“[...] além de provocar mudanças nos paradigmas educacionais, o novo cenário sociotécnico e cibercultural vem apresentando aos museus e seus praticantes novos desafios em relação às suas práticas comunicacionais e educacionais e em relação ao patrimônio e a cultura. “A cultura material e imaterial encontra uma nova linguagem para comunicar a sua historicidade e seu valor de bem patrimonial”, afirma MELLO (2013, p. 9).” (MARTI & SANTOS, 2019, p. 48)

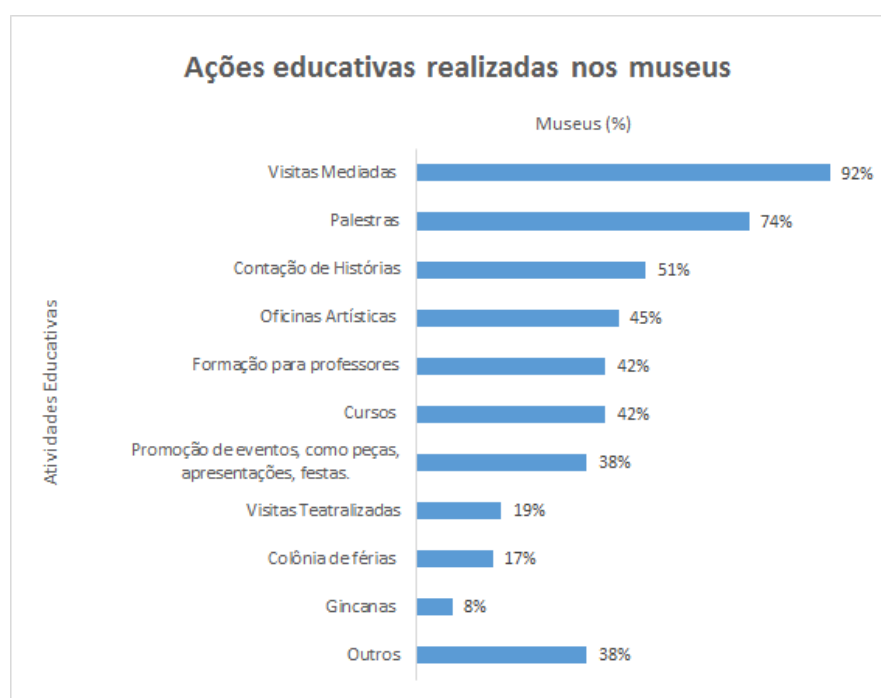
Como ponto de partida da nossa análise olhamos para a manifestação mais recorrente da função educativa dos museus: as ações educativas.

“Dentre as diversas contribuições das instituições museológicas à sociedade, uma em especial destaca-se por facilitar, dinamizar, diversificar e qualificar a relação do indivíduo com o patrimônio cultural preservado: as ações educativas. Voltada para o indivíduo, a ação educativa nos museus é pensada e realizada para cooperar com o seu desenvolvimento, contribuir para o seu aprimoramento e facilitar o seu reconhecimento enquanto sujeito social, pois é através de uma ação educativa que o contato do público com o bem cultural é potencializado, contribuindo assim para os processos de construção de conhecimentos, que caracterizam o desenvolvimento do ser humano.” (FIGURELLI, 2011, p. 119)

Falar em atividades educativas é sempre falar em diversidade. O elemento básico para construção de uma atividade educativa é a criatividade. Se analisarmos os museus brasileiros teremos incontáveis tipos de ações educativas como visitas mediadas, oficinas, contações de histórias e entre outras. Podemos comprovar isso nas respostas dos nossos questionários sobre as ações desenvolvidas durante a pandemia, onde percebemos uma grande variedade de ações educativas, conforme consta no gráfico abaixo:

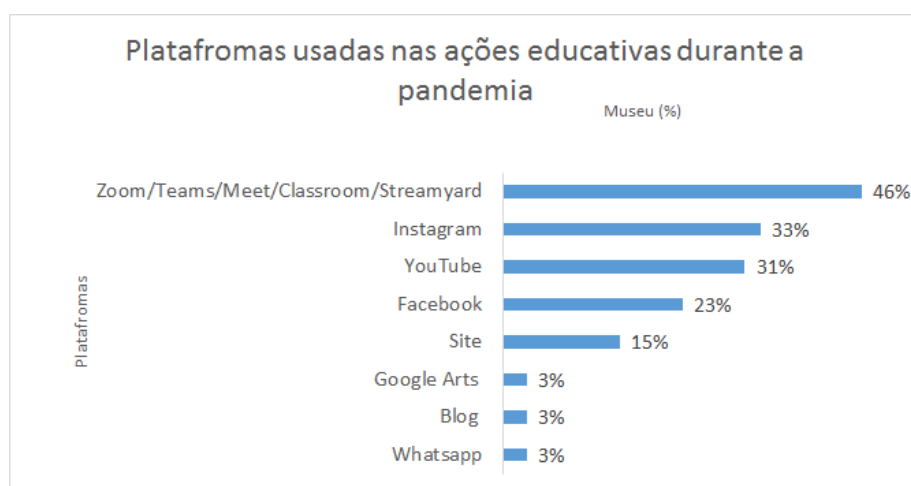


É interessante comparar tais dados com as ações educativas antes da pandemia, que apresentam-se de acordo com as respostas do questionário no gráfico abaixo:



Percebemos algumas semelhanças. As visitas mediadas foram as ações mais citadas nos dois momentos, tanto antes da pandemia como durante. Sabemos que tal prática é consolidada no campo museal, sendo realizada em quase todos os museus. Porém, o seu expressivo número durante a pandemia nos faz pensar sobre uma mera migração das práticas

presenciais para o virtual, que pode ser percebida nas demais atividades que se repetem nos dois momentos, como as palestras. Estas ações se justificam pela falta de tempo e a necessidade que surgiu nos museus de manterem o contato com seus públicos. Mas, é preciso refletir sobre como o uso da internet possui especificidades e como podemos usá-las. As plataformas usadas refletem que os museus utilizam majoritariamente as redes sociais, que ficam atrás apenas das plataformas de videoconferência, como podemos perceber no gráfico abaixo. Este dado é interessante, pois demonstra que os museus estão buscando usar as plataformas mais presentes no cotidiano dos seus visitantes. E como o próprio nome já sinaliza, as redes sociais são espaços possíveis para trocas e interatividade, onde o polo transmissor pode ser descentralizado e a participação é viável.



A partir dos dados e almejando fomentar reflexões possíveis e baseadas na realidade, apresentaremos duas ações que buscam explorar as especificidades da internet na construção de ações educativas que colaboram na mediação do público com o museu. Ou seja, ações de educação museal online, conceito elaborado pela pesquisadora Frieda Marti, que pode ser definido como a “educação museal na/com a cibercultura seja ela presencial e/ou a distância” (MARTI & SANTOS, 2019, p. 61)

O primeiro exemplo é a criação de espaços educativos online onde os museus constroem um ambiente virtual com objetivos educativos, como: “Espaço Educativo Virtual do MHN” (Imagem 1), um grupo no facebook e o “Canal Educação do MAST” (Imagem 2) um perfil destinado especificamente para a parte educativa do Museu de Astronomia e Ciências Afins.



Imagem 1 - Fonte: Facebook Museu Histórico Nacional

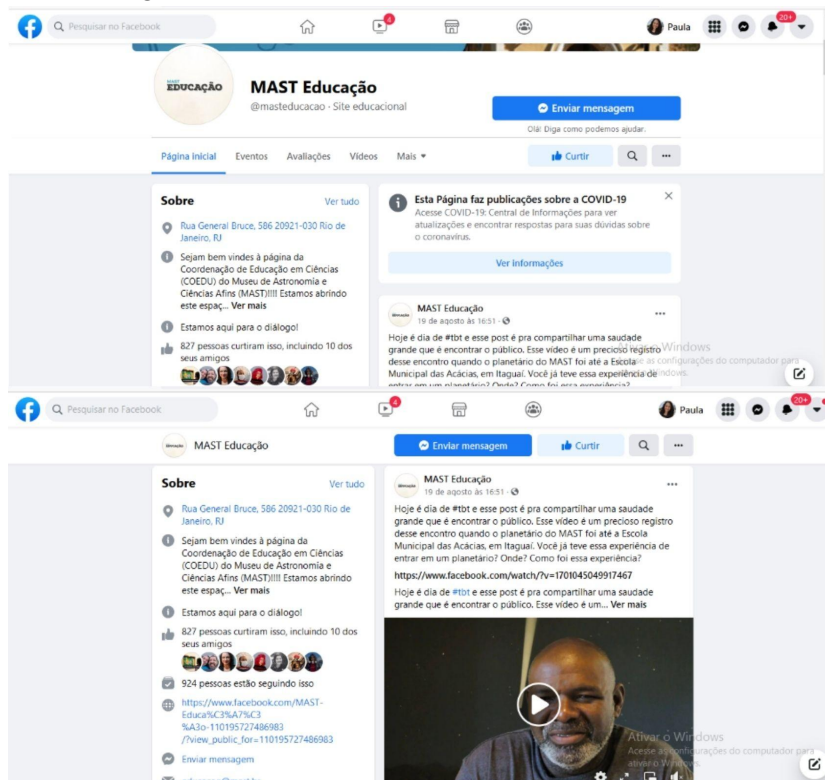
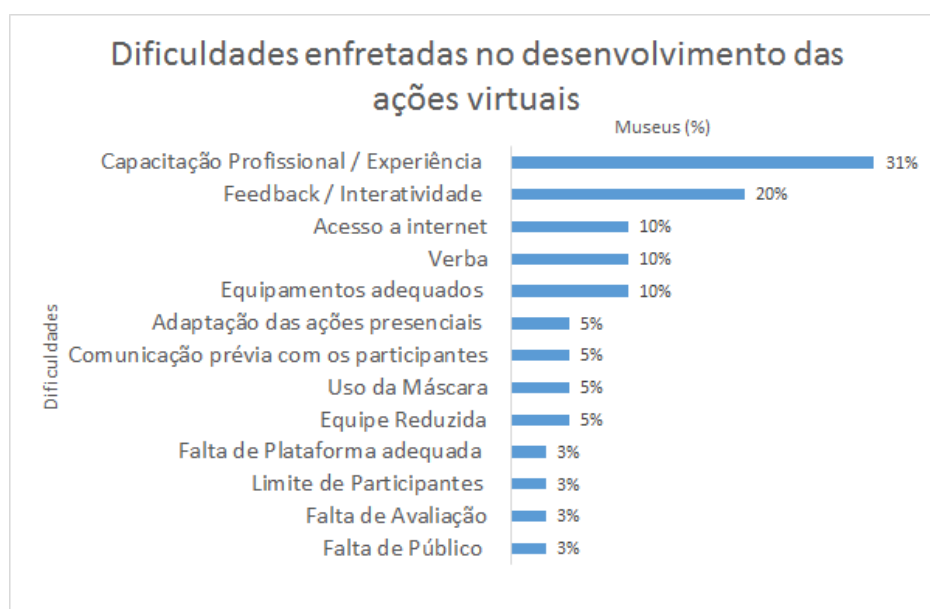


Imagem 2 - Fonte: Facebook MAST Educação

O segundo exemplo é a produção de conteúdo entendida como ação educativa. Destacamos aqui como exemplo o Instagram da Seção de Assistência ao Ensino do Museu

Nacional, que antes da pandemia já vinha desenvolvendo publicações educativas e manteve o trabalho durante a pandemia.

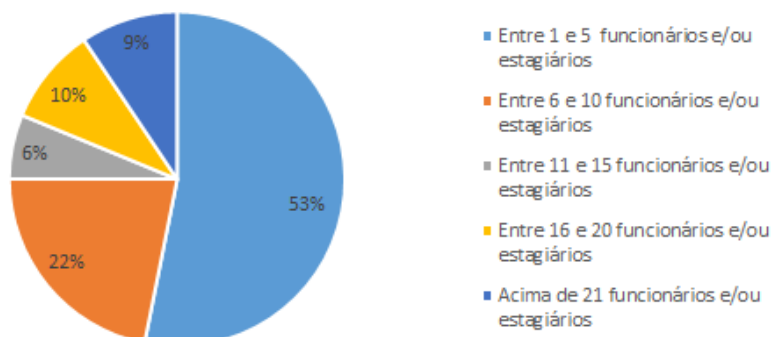
Os dois exemplos citados exploram bem as características das redes sociais, plataformas escolhidas pelos museus, sem deixar de lado a criação da ponte entre a instituição museal e o público. Esta ponte se dá pelo uso dos acervos virtuais dos museus nas postagens e pela atuação ativa dos educadores como mediadores e fomentadores de discussões nas postagens e comentários. Assim como presencialmente, as possibilidades das ações educativas virtuais são imensas, mas ainda há muitas dificuldades, como relatam os próprios museus sobre sua atuação durante a pandemia. As principais dificuldades citadas na realização de atividades durante a pandemia encontram-se no gráfico abaixo:



Percebemos com esses dados que os museus não estão completamente capacitados para trabalhar com o virtual. Além das dificuldades apresentadas, nem todos os museus contam com equipes educativas. Em nossa consulta, 36% dos museus não possuem estes setores. Dos 64% que possuem, as equipes apresentam número reduzido, como vemos no gráfico abaixo:

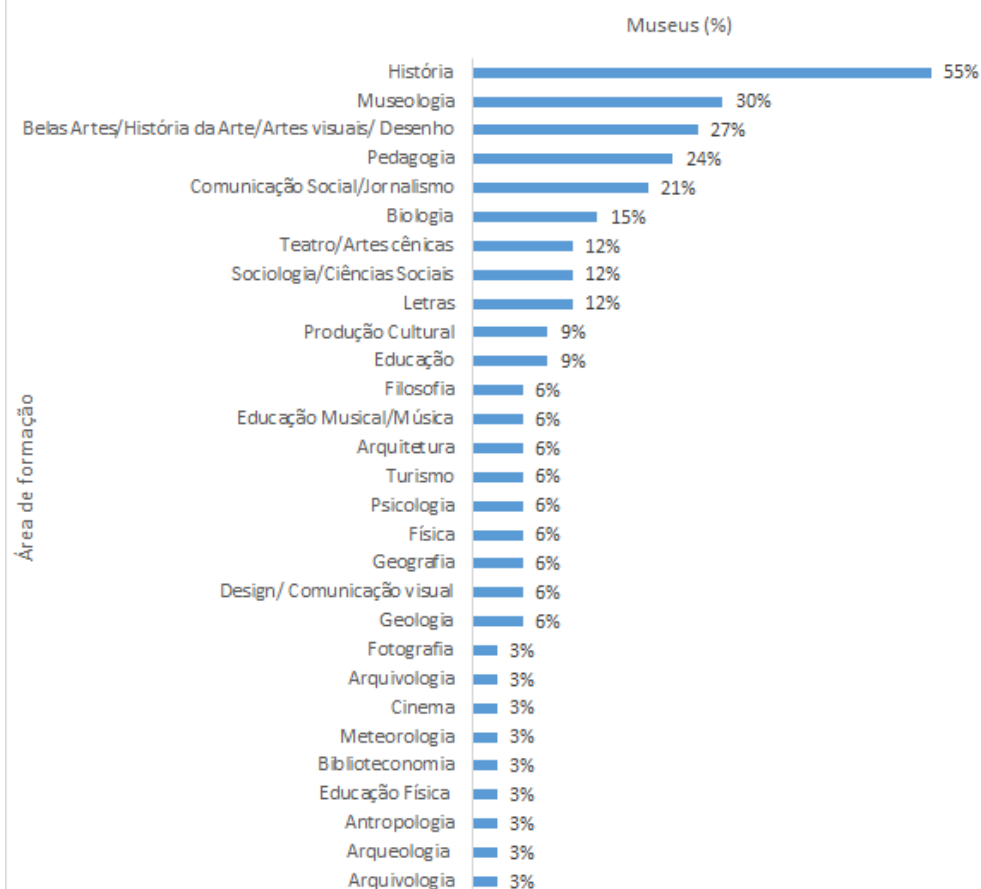


### Quantidade de funcionários e/ou estagiários dos setores educativos



Quando falamos da formação destes profissionais, esta é bastante variada, como podemos ver no gráfico abaixo:

### Áreas de formação mencionadas pelos museus quanto a equipe do setor educativo



A diversidade pode ser vista como uma grande vantagem para o campo museal, que abrange diversas áreas do conhecimento com coleções de variadas temáticas. Porém, ao analisarmos os cursos de formação percebemos que os conteúdos sobre cibercultura ainda são poucos explorados, sendo uma questão fundamental para se refletir. A própria formação dos educadores museais é uma questão chave para o campo museal.<sup>2</sup> Alguns caminhos já vem sendo construídos, destacamos o livro “Educação Museal: conceitos, história e políticas 5 - Educação Museal e Cibercultura & Acessibilidade em museus e educação”<sup>3</sup> e a publicação do Instituto Brasileiro de Museus “Acervos Digitais nos Museus - Manual para realização de Projetos”<sup>4</sup> que trabalha a divulgação dos acervos digitais.

Buscamos com nosso artigo contribuir para esse campo de reflexões. Nossa pesquisa tem como recorte os museus tradicionais, e o uso da internet nestes museus pode ser vista como uma grande possibilidade de desenvolver, entre outras ações, a participação dos públicos.

## Conclusão

Defendemos que, como qualquer ação museológica, o planejamento e avaliação das ações educativas virtuais são indispensáveis. Logo, acreditamos que um bom caminho para o uso das redes sociais, ou demais plataformas, é através da gestão museológica. No Brasil a gestão museológica ganhou grande destaque com a consolidação do Estatuto de Museus (Lei nº11.904 de 14 de Janeiro de 2009) que define os parâmetros para atuação dos museus no território nacional. Dentre as determinações do Estatuto, destacamos a obrigação dada aos museus de elaborar e implementar o plano museológico.

“O plano museológico ou diretor é instrumento de gestão, ferramenta de planejamento estratégico articuladora de todas as dimensões de um museu. [...] O plano museológico define: as características da instituição (trajetória e abrangência de acervo e público), a missão institucional, os objetivos estratégicos, programas, metas, cronograma, recursos, etc. O plano museológico é a melhor expressão prática da política cultural do museu, abrangendo os seus programas e programação e as estratégias para alcançá-los na prática.” (CURY, 2009, p. 31)

<sup>2</sup> Para maior aprofundamento recomendamos o Livro Educação Museal: conceitos, história e política número 2, que aborda tal tema. Disponível na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional Link:

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&pagfis=75686>

<sup>3</sup> Disponível na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional Link:

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&pagfis=75932>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/museus/acervos-digitais-nos-museus-manual-para-realizacao-de-projetos/>

Desta forma, o Plano Museológico é a principal manifestação prática da gestão museológica. Este deve ser realizado preferencialmente de forma coletiva, com participação dos funcionários dos museus e agentes externos quando necessário. Construir a atuação virtual do museu junto aos programas de Comunicação e Educativo Cultural é uma forma de integrar as diversas áreas dos museus a essa prática, fazendo com que as ações de educação museal online sejam meios para explorar o potencial das coleções nas diversas possibilidades que internet oferece, colaborando para o cumprimento da missão do museu. Acreditamos que a gestão é a peça chave para que as ações virtuais sejam construídas com equilíbrio, aproveitando os recursos da cibercultura, sem deixar de lado as especificidades do campo museal.

#### **Referências:**

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

BRULON, Bruno. Caminhos da Museologia: transformações de uma ciência do museu. Brasília: Senatus, v. 7, n. 2, p. 32-41, 2009.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. Museologia e Patrimônio, v. 11, n. 2, 2018.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. Ensino em Re-vista, 2013.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio–PPG-PMUS Unirio| MAST, v. 4, p. 111, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

MARTI, Frieda Maria; DOS SANTOS, Edméa Oliveira. Educação museal online: A educação museal na/com a Cibercultura. Revista Docência e Cibercultura, v. 3, n. 2, p. 41-66, 2019.

MARTI, Frieda; DE CASTRO, Fernanda Santana Rabello; COSTA, Andréa Fernandes. APRESENTAÇÃO-EDUCAÇÃO MUSEAL E CIBERCULTURA: PENSANDO CONCEITOS, PRÁTICAS DE UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO. Revista Docência e Cibercultura, v. 3, n. 2, p. 10-17, 2019.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Cultura material e Museologia: considerações. Museologia e patrimônio. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, p. 17-48, 2015.